

#Belarecatadaedolar: Análise Sobre Ciberativismo Feminista¹

Brenda Cristina Albuquerque de AQUINO²

Antonino CONDORELLI³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Este artigo pretende analisar o uso da hashtag #belarecatadaedolar durante o período de uma semana nas principais redes sociais, com o objetivo de entender qual o contexto de seu surgimento, focando em um grupo específico de disseminação. Busca-se ainda, compreender o ciberativismo e o desenvolvimento do feminismo no ciberespaço. Como procedimento metodológico, foram utilizadas ferramentas online de análise de conteúdo da internet, além das teorizações da ferramenta de análise de técnicas de subjetivação, das quais este estudo se valeu.

PALAVRAS-CHAVE: *hashtag*; feminismo; ciberespaço.

INTRODUÇÃO

A luta pela vida para as mulheres, em muitos países, começa antes mesmo do nascimento. Em algumas culturas, como a indiana, ter uma filha mulher não é motivo para orgulhar-se como a espera por um filho homem. O homem é, naturalmente, o provedor de sua casa e a mulher é aquela a quem se destinam as tarefas domésticas e familiares.

Desde as primeiras civilizações ocidentais, o corpo da mulher é tratado como instrumento do pecado e visto com pudor pela sociedade. Nasciam mulheres submissas, que durante sua infância recebiam todos os cuidados cabíveis às meninas – e não aos meninos. O crescimento da mulher é tido como um momento de espera para que ela sirva como uma oferenda, um fruto a ser colhido (BEAUVOIR, 1967).

Dessa forma, é possível perceber que a mulher desde sempre sofre por viver em uma sociedade que a vê apenas como um segundo sexo, e por isso, a reprime de uma forma naturalizada.

¹ Trabalho apresentado no IJ 05 – Rádio, TV e Internet do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Graduada do curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: brenda.albuquerque2@outlook.com

³ Orientador do trabalho. Professor Substituto do Departamento de Comunicação Social e Doutorando em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: condor_76@hotmail.com

Por muitos anos, foi banido às mulheres o direito à educação, por acreditar que seu papel era unicamente dedicar-se à família. Elas eram forçadas ao silêncio e, por isso, o acesso à língua foi restrito, tornando as mulheres seres que não se expressavam. Por isso, até os dias de hoje, causa espanto aos homens, aquelas mulheres que dizem o que sentem (HOLLANDA, 1994).

A partir do século XVIII, surgem as indústrias na Inglaterra e o local era predominantemente masculino. Com o passar dos anos, começa a existir a necessidade de homens na guerra e é preciso que haja a presença das mulheres e crianças no ambiente insalubre de trabalho. Assim, a mulher passa a ter uma releitura em seu papel perante a sociedade.

O filme *As Sufragistas* (2015), da diretora britânica Sarah Gavron, retrata uma das primeiras lutas das mulheres brancas pelo direito ao voto na Inglaterra. Mulheres que trabalhavam em uma fábrica são contagiadas por sufragistas que faziam reuniões periódicas e fazem com que mais mulheres enxerguem que também a possibilidade de existir direitos abertos a elas.

Em 1960, o movimento feminista luta por uma maior participação da mulher na produção artística mundial, além de contrariar o domínio masculino sobre a mulher em todos os sentidos (socialmente e moralmente). É graças às articulações dos movimentos e de suas exigências, que as mulheres garantem suas conquistas, como explica Lia Zanotta Machado, em seu livro *Feminismo em Movimento* (2010):

A movimentação feminista teria podido contribuir para tornar reconhecível e legítima uma significação, já antes presente, mas como significação não hegemônica, pela qual, mulheres, em nome de seu gênero, são percebidas e se percebem como colocadas em situações inferior hierárquica de valor e submetidas a poder e violência física simbólica. (MACHADO, 2010, p.88)

É a partir de tantas exigências que se percebe a pluralidade do movimento feminista. Existe uma diversidade de correntes, teorias e pautas que não serão discutidas aqui, mas que ganharam no ciberespaço⁴ uma oportunidade de trocas de informação, debate, conhecimentos e até mesmo estratégias de embate. Conseqüentemente, une mulheres de todas as esferas para compreender de forma mais complexa a luta feminista.

Hoje, nos tempos em que a internet domina a circulação de informações, desvinculações sobre qual o papel da mulher na sociedade é ainda mais presente, pois há o

⁴ Ciberespaço: território virtual de trocas, ação coletiva e produção comum de linguagens (MALINI e ANTOUN, 2013).

compartilhamento do que é oprimido e omitido, tentando restabelecer as “regras” de um padrão patriarcal vigente. É no ciberespaço que ela encontra uma forma de luta. A mulher começa a tornar-se, então, protagonista dentro da sociedade que sempre a reprimiu.

É nesse sentido que se espalham imagens, conceitos e valores perante os internautas e difundem-se movimentos inéditos. No caso das mulheres, além de blogs e sites que falem sobre temas diversos do universo feminino, as redes sociais possuem um peso enorme para a disseminação desses conteúdos.

O movimento feminista vem ganhando bastante repercussão, por causa de sua propagação na internet. O *boom* ocorreu no ano 2010. Milhares de protestos são organizados via redes sociais em todo mundo. Dessa forma, a popularização de ideologias como o feminismo ganhou novos ares, estes, mais jovens, que dão continuidade a lutas que muitos acreditam já ter tido fim, mas que estão em constante movimento e em mutação. Com o advento da internet, o movimento ganha força a partir de blogs feministas, educadores e pessoas que compartilham histórias pessoais, na tentativa de advertir uma próxima. O *Facebook* é mais uma ferramenta utilizada por esses disseminadores e que conquista todos os dias mais seguidores.

A *hashtag* é um elemento que surge na internet a partir do *Twitter*, rede social em que você pode utilizar apenas 144 caracteres por postagem. A *hashtag* surge para delimitar palavras-chave em uma publicação. Seu símbolo é o # seguido da palavra-chave, que se for mais de uma palavra, seguem juntas, sem o uso do espaço. Em 2009, o *Twitter* passou a usar esse elemento como *link* que levava a interface de busca. Com a criação dos *Trending Topics*, o uso das *hashtags* foi impulsionado.

A partir daí, outras redes sociais como *Pinterest*, *LinkedIn*, *Tumblr* passaram a permitir o uso desse elemento. Mais tarde, em 2013, o *Facebook* também aderiu à tendência. Segundo o site *BuzzFeed*, a demora aconteceu por que com o uso da *hashtag*, a postagem se torna pública, e o *Facebook* já teria passado por inúmeros problemas com privacidade. Ao adotá-la, o site torna-se um destino para informação em tempo real, dando aos seus anunciantes a possibilidade de um público engajado.

O objetivo deste artigo é analisar a *hashtag* #belarecatadaedolar, que em abril do ano de 2016 movimentou de forma surpreendente as redes sociais, após uma publicação da revista *Veja*. Buscaremos entender como o ciberativismo feminista, a partir do movimento da *hashtag*, dissemina a ideologia da luta virtualmente. Vamos analisar as fotos das

postagens #belarecatadaedolar, e entender como esse movimento desconstrói o discurso da sociedade submetida ao patriarcado⁵ e às ideias misóginas⁶.

Origem do movimento #belarecatadaedolar

Em 18 de abril de 2016, a revista *Veja* em meio à confusão do processo de *impeachment* da então presidenta Dilma Roussef, publicou uma matéria sobre Marcela Temer, a esposa do vice-presidente Michel Temer, com a manchete “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’ “. A matéria tem um teor romântico sobre Marcela, destacando que Michel Temer é um homem de sorte por tê-la ao seu lado.

A publicação sobre a vice primeira dama vem em contradição a centenas de matérias que tratam a presidenta Dilma Roussef com tom misógeno. Como exemplo, podemos citar a capa da revista *IstoÉ*, que publica na edição do dia 1º de abril a manchete “As explosões nervosas da presidente” junto a uma foto da presidenta em um suposto momento de histeria. A matéria reportou supostos surtos de Dilma e questionou sua capacidade de governar. Esse tipo de publicação reforça a ideia de que o lugar de uma “boa mulher” é sempre atrás do homem, e nunca à frente. O Temer tem sorte de ter uma mulher como Marcela, que cuida de seu filho, que tem uma vida “do lar”. A presidenta Dilma é histérica, está à beira de um ataque de nervos. Isso é o que a mídia nos bombardeia diariamente. Fica fácil entender qual o discurso que está sendo montado.

No mesmo dia da publicação da matéria, surge o movimento na internet #belarecatadaedolar, que vem desconstruir o conceito que a revista *Veja* tentou instaurar. Agora, as mulheres publicam fotos suas que a sociedade julga não adequadas para uma mulher dos padrões do patriarcado.

Em seu livro *Sexualidade Da Mulher Brasileira* (1983), Rose Marie Muraro mostra resultados de pesquisas realizadas com mulheres e homens da burguesia, campesinato e operariado que versavam sobre em o corpo, inserção no mundo, papéis sexuais, sexualidade, controle de natalidade, política e ideologia e condição da mulher.

É nessa pesquisa, já nessa época – após os primeiros movimentos feministas no Brasil – que se ouviu dos homens burgueses coisas que permanecem até hoje na nossa

⁵ Patriarcado pode ser concebido como um esquema de dominação e exploração das mulheres (Saffioti, 1992: 194)

⁶ "A [misoginia] é um aspecto central do preconceito sexista e ideológico, e, como tal, é uma base importante para a opressão de mulheres em sociedades dominadas pelo homem. A misoginia é manifestada em várias formas diferentes, de piadas, pornografia e violência ao auto-desprezo que as mulheres são ensinadas a sentir pelos seus corpos." (Johnson, 2000)

sociedade. Quando foram questionados se o papel da mulher na família estava mudando, entraram em debate sobre público e privado. Eles estavam preocupados, pois em suas palavras, as mulheres estavam “menos tolas, menos charmosas”:

O privado é visto como inverso do público, agressivo, competitivo, sujo. Era pela pureza do lar que se sustentava o sujeito do mundo, pois que a compensava; assim como a prostituta sustentava a santidade da esposa (mulher pública x mulher privada). O fato de a mulher trabalhar, sair, curtir, a torna um pouco pública, e isso é visto como mal, como desestabilizador da ordem. E ainda há mulheres que pensam como mulheres, pois pelo casamento trocam o público pelo privado. (MURARO, 1983, p.125)

Podemos trazer facilmente essa situação para a presente análise, pois, como veremos mais à frente, as mulheres postaram fotos nesses momentos em que estavam sendo “públicas”. Isso traz um desconforto visual para os que ainda têm o mesmo pensamento desses homens da década de 80 do século passado.

Metodologia

Como procedimento metodológico, utilizaremos a análise virtual do movimento da *hashtag* #belarecatadaedolar na *internet* a partir das ferramentas *Google Trends* (google.com/trends) e *KeyHole* (keyhole.co/). Essas ferramentas permitem procurar pelos termos mais buscados em um site, num determinado período de tempo. A *KeyHole* tem um funcionamento parecido, também na intenção de mensurar o desempenho de *hashtags* ou pessoas na rede. Sendo assim, colocaremos em número a movimentação gerada na rede.

O tempo determinado para análise foi entre os dias 27 de abril de 2016 a 3 de maio de 2016 nas redes sociais que mais fizeram menção à *hashtag*: *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*.

Foi feita a análise de uma postagem de cada uma dessas redes sociais, de forma aleatória, em um recorte àquelas postagens que envolveram mulheres que se mostraram a favor do então protesto gerado pelo ciberespaço.

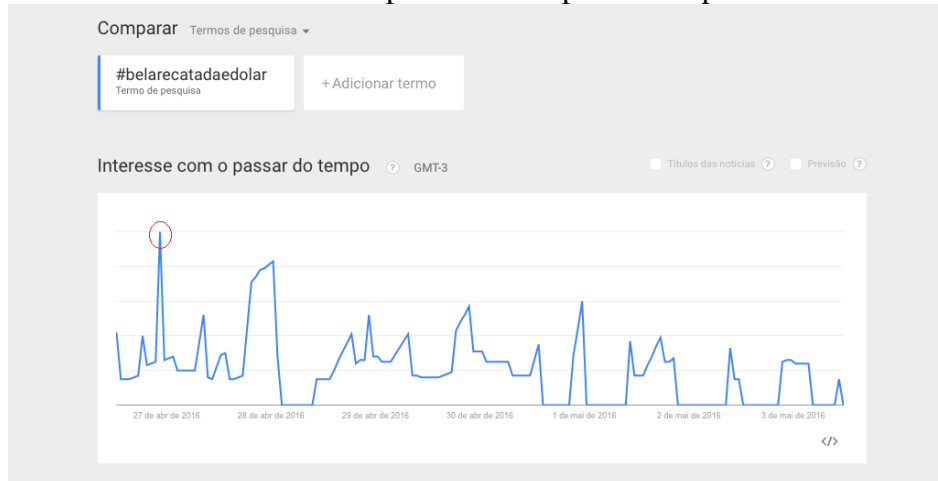
Analizamos ainda a partir do que Foucault (2010) denomina tecnologias do eu, ou técnicas de si. Observamos corpos representados nas imagens, a ferramenta da análise de técnicas de subjetivação para compreender o processo de autoreconhecimento enquanto sujeitos através de seus corpos e das tecnologias utilizadas para a autoafirmação daquilo que elas defendem ser.

O que dizem os números do movimento #belarecatadaedolar

A partir de uma análise pelas ferramentas *Google Trends* e *KeyHole* foi possível conhecer o interesse com o passar do tempo, conhecer os locais que utilizaram a *hashtag*, visualizar gráfico sobre gênero, saber os *sites* que utilizaram a ferramenta, além da quantidade de posts e outras informações.

Na figura 1, temos o gráfico do interesse com o passar do tempo da ferramenta *KeyHole*, que nos mostra que o dia 27 de abril foi o dia de auge do uso de #belarecatadaedolar dentro do período estudado.

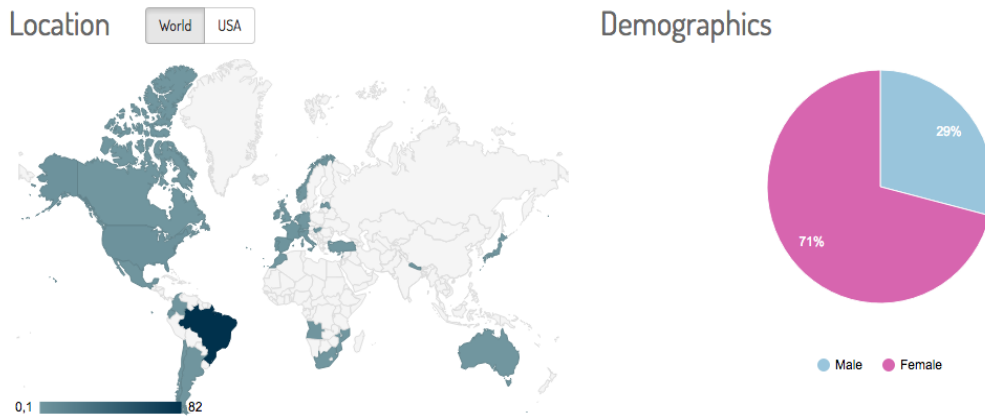
Figura 1: Gráfico interesse com o passar do tempo com os picos do uso da *hashtag*.



Fonte: *KeyHole*, 2016.

Milhões de pessoas ao redor do mundo participaram da movimentação. De acordo com a figura 2, é possível perceber que no Brasil é onde existe a maior incidência, mas há registros de publicações em países da Europa, Estados Unidos, Canadá, Austrália e outros. Com 71 por cento das postagens sendo realizadas por mulheres e 29 por cento por homens.

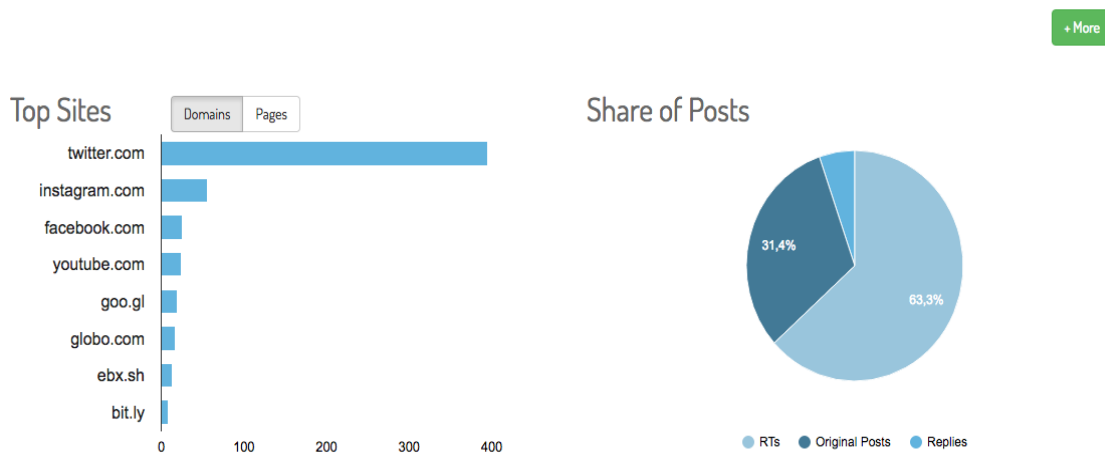
Figura 2: Gráfico com localidades e gêneros que participaram do movimento.



Fonte: *KeyHole*, 2016.

Ainda de acordo com a pesquisa realizada pelo *KeyHole*, oito sites, dentre eles, redes sociais, estiveram entre os que mais usaram a *hashtag*. O *Twitter*, *Instagram* e o *Facebook* foram os que mais disseminaram a ferramenta, com 31,4% de postagens originais e 63,3% de compartilhamento de posts.

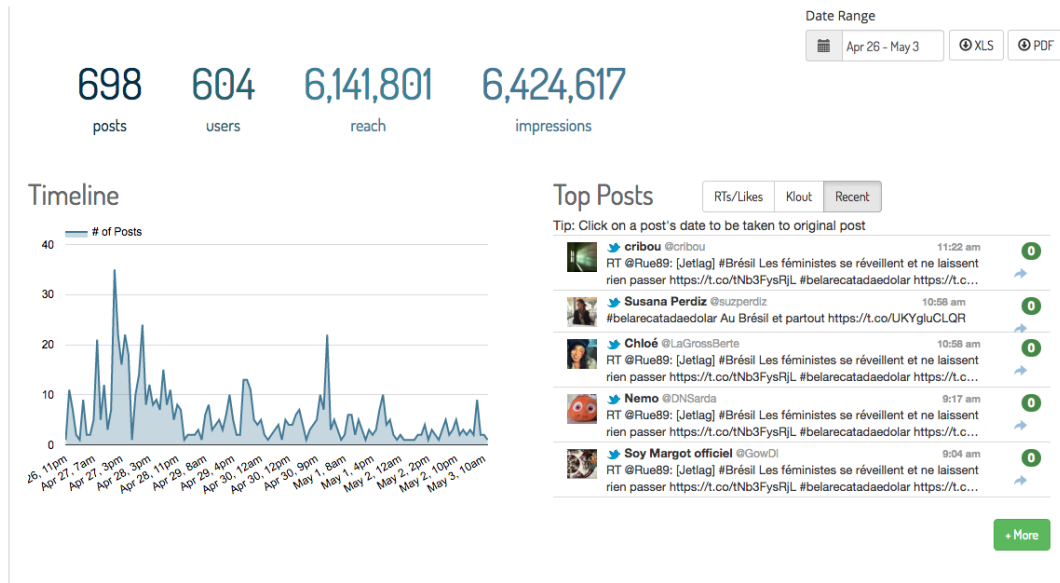
Figura 3: As redes sociais dominaram no compartilhamento da *hashtag*.



Fonte: *KeyHole*, 2016.

Por fim, chegamos aos números concretos para o período delimitado para análise. Foram 698 posts a partir de 604 usuários com um alcance total de 6.141.801 pessoas e 6.424.617 opiniões. Os números mostram a grandeza que o movimento pela internet alcançou em um curto espaço de tempo.

Figura 4: Em sete dias, a publicação alcançou mais de 6 milhões de pessoas ao redor do mundo.



Fonte: *KeyHole*, 2016.

Análise das amostras

1 Facebook

Em uma postagem do dia 28 de abril, Jessica Winchester, do estado de São Paulo publicou uma foto sua usando roupas íntimas e uma pia com louças para serem lavadas. A mulher aparece fazendo um sinal de negativo com um sorriso no rosto. A publicação obteve, até o dia da coleta dos dados, 122 curtidas, 11 comentários e 2 compartilhamentos. Em nenhum deles, houve uma problematização, pois Jéssica é uma figura pública do meio pornográfico, e os seus seguidores são massivamente homens. Todos os envolvimento com a publicação se restringiram a elogios sobre a aparência de Jéssica.

É perceptível que ela quer quebrar com um padrão pré-estabelecido pela sociedade, de que a mulher tem o dever de cuidar da casa (mulher do lar) e ela demonstra nesta postagem a reiteração do suposto poder que ela possui sobre seu corpo. O sinal negativo é o momento de quebra com aquele padrão e as roupas íntimas demonstram que ela tem posse do seu corpo e pode se mostrar perante a sociedade da forma que lhe agrada. É uma forma simbólica de mostrar para essa sociedade que ela escolhe a forma como lidar com seu corpo e suas regras.

Essa vontade de perturbar o público é o principal foco do movimento. Por isso, as três publicações escolhidas terão esse mesmo intuito de questionamento, limites corporais, relação da mulher com a sociedade, sexualidade e pudor.

Figura 5: Postagem do *Facebook* de Jéssica Winchester



Fonte: *Facebook*, 2016.

2 *Instagram*

Nesta postagem, a mulher negra, Naymare Azevedo, está trabalhando em uma sessão de fotos. Além da *hashtag* #belarecatadaedolar, ela utilizou ainda da frase “Negra, empoderada e do trabalho” que nos leva a outro tipo de feminismo, o negro. A postagem de Naymare obteve 63 curtidas e 2 comentários em que também ressaltaram a sua aparência física.

A postagem é um exemplo do emponderamento negro que vem crescendo diariamente no país. Naymare, além de se mostrar contra o machismo aplicado pela revista, ressaltou mais um aspecto da sua luta, o da cor da pele.

O feminismo negro, no Brasil, surge na década de 80 junto com o fortalecimento do movimento negro. Ele emerge da ideia de que a mulher negra, por sofrer dupla opressão, não é representada pelos outros “feminismos”. Esse viés feminista pauta lutas que envolvem religiões de matrizes africanas e o genocídio da juventude negra, por exemplo, que já não estão envolvidos em outras correntes feministas.

Figura 6: Foto *Instagram* Naymare Azevedo



Fonte: *Instagram*, 2016.

3 *Twitter*

No dia 30 de abril de 2016, Débora Aligieri postou no *Twitter* a sua contribuição com o movimento da *hashtag* #belarecadataedolar. Na foto, mulheres negras estão trabalhando em uma suposta indústria – local de trabalho que até certo tempo da história era destinado a trabalhadores homens. A foto retrata essa quebra de uma visão da mulher mais afeminada, de família e mostra duas mulheres envolvidas em um trabalho tipicamente masculino, que necessita da força.

A legenda para foto, além da *hashtag* foi “Corte, costura e o caralho”, reforçando a inquietação que ela deseja causar no leitor do seu conteúdo. A sua postagem não possuiu retuítes ou comentários.

Figura 7: Foto *Twitter* Débora Aligieri



Débora Aligieri @Debora_Aligieri · Apr 30

Corte, costura e o caralho! goo.gl/rdVNDa #belarecatadaedolar



Fonte: *Twitter*, 2016.

As postagens, em geral, provocaram um intenso debate por quase um mês nas redes sociais, e as internautas continuam publicando *posts* com a *hashtag*, mas agora, em uma quantidade menor. No geral, as publicações de pessoas públicas que usaram a *hashtag* provocaram esse amplo debate. Seja por pessoas que faziam provocações, reforçando o sistema misógino, seja pelas que aderiram, de fato, à causa. Os casos aqui analisados buscaram repercutir o movimento, fazendo com que ele ganhasse voz na *internet*, demarcando a luta feminista no ciberespaço;

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta feminista já possui o seu lugar no ciberespaço e a confirmação disto está nas inúmeras conquistas que ela vem colecionando. Compreendemos, assim, que o ciberativismo proporcionou ao movimento feminista uma nova forma de luta, dessa vez, também *online*.

A *hashtag* #belarecatadaedolar agregou mulheres que provavelmente pouco sabem sobre a luta contra a sociedade hegemônica, mas as fez perceber essa importância a partir da revolta por uma simples entrevista veiculada pela revista Veja. Acreditamos que essa foi uma forma bastante efetiva de se difundir a ideologia feminista, pois fez com que milhares de mulheres reforçassem o poder que tem sobre seus corpos e sobre suas próprias vidas. Apesar dos exemplos usados não serem os que geraram uma maior repercussão, o que pretendíamos com este artigo era mostrar o sujeito ativo da militância do ciberespaço.

São esses corpos femininos publicados na rede a partir da *internet* que são os protagonistas do movimento. É esse corpo, que vem acompanhado de poucas palavras escritas nas mensagens, que ganha destaque, tornando-se símbolo deste movimento #belarecatadaedolar.

Destacamos, por fim, que nossos sujeitos utilizaram-se da *hashtag* para produzir um protesto em que a perturbação de seu auditório fosse um ponto-chave para gerar discussões.

REFERÊNCIAS

ANTOUN, H & Malin, F. **A Internet e Rua** – Ciberativismo e Mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. A experiência vivida (Vol. 2). 2.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

_____. **O segundo sexo** (2ª Ed). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

DE HOLLANDA, H. B. **Tendências e Impasses** – O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FOUCAULT, M. **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2010.

JOHNSON, A. G. **The Blackwell Dictionary of Sociology: A User's Guide to Sociological Language**. EUA: Wiley, 2000.

MACHADO, L. Z. **Feminismo em Movimento** (2ª Ed). São Paulo: Francis, 2010.

MURARO, R. M. **Sexualidade da Mulher Brasileira**. Corpo e Classe Social no Brasil (2ª Ed). Petrópolis, RJ: Vozes Ltda, 1983.

SAFFIOTI, H. I. B. **Rearticulando gênero e classe social**. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.

TORTORETTER, Priscila. INTERNET, uma mídia feminista. **Conectando Pessoas**. 1 junho, 2015* Disponível em <<http://www.conectandopessoas.com.br/artigos/61-internet-uma-midia-feminista>> Acesso em 25 abril. 2016.

VENTURA, Felipe. A #HASHTAG está prestes a se espalhar para um bilhão de usuários. Mas por que ela foi criada? **Gizmodo Brasil**. 13 junho 2013. Disponível em <<http://gizmodo.uol.com.br/historia-hashtag/>> Acesso em 25 abril 2016.

WEIDEN, Fernanda G . INCLUSÃO Digital: Um problema de gênero na sociedade da informação. **Genderit**. 2 junho. 2010. Disponível em <<http://www.genderit.org/es/node/2252>> Acesso em 25 abril 2016.

Qual é o seu feminismo? Conheça as principais vertentes do movimento. **Brasilpost**. 14 de junho 2015. Disponível em <http://www.brasilpost.com.br/2015/06/14/feminismo-correntes-feministas_n_6788376.html> Acesso em 25 de abril, 2016.